



10º EBBC

Encontro Brasileiro de
Bibliometria e Cientometria



A PRESENÇA DOS INDÍGENAS NOS TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

Marluzio da Silva Leite

<https://orcid.org/0009-0008-1336-8759> | marluzio@uft.edu.br
Universidade Federal do Tocantins

Milton Shintaku

<https://orcid.org/0000-0002-6476-4953> | shintaku@ibict.br
Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

Resumo:

Este estudo apresenta o cenário dos Trabalhos de Conclusão de Curso sobre povos indígenas defendidos na Universidade Federal do Tocantins. A pesquisa, de caráter exploratório e descritivo, analisou registros do repositório institucional nos campos autor, título e assunto. Os resultados evidenciam a presença de etnônimos indígenas como marcadores temáticos e identitários nos metadados dos trabalhos, com destaque para Xerente, Apinajé, Krahô e povo Iny. Os resultados sugerem indícios iniciais de maior visibilidade acadêmica indígena nos metadados, embora limitados por variações terminológicas e problemas de recuperação da informação.

Palavras-Chave: Povos indígenas. Trabalho de conclusão de curso. Educação superior. Repositório institucional. Ciência da Informação.

EIXO TEMÁTICO:

Diversidade e Inclusão na
Ciência

MODALIDADE:

Resumo expandido

DOI: 10.22477/x.ebbc.1012

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

LEITE, Marluzio da Silva; SHINTAKU, Milton. A presença dos indígenas nos trabalhos de conclusão de cursos da Universidade Federal do Tocantins. *In*: EBBC - Encontro Brasileiro de Bibliometria e Cientometria. 10. **Anais [...]**. Curitiba, 2026. DOI: 10.22477/x.ebbc.1012. Disponível em: <https://doi.org/10.22477/x.ebbc.1012>.



1 INTRODUÇÃO

O Tocantins, mais novo estado brasileiro, criado em 5 de outubro de 1988, apresenta presença indígena com 20.023 pessoas autodeclaradas indígenas, correspondentes a 1,32% da população estadual, segundo o Censo Demográfico de 2022 do IBGE. Entre as etnias mais documentadas na literatura e em registros públicos destacam-se Karajá, Javaé, Karajá do Norte (Xambioá), Xerente (Akwẽ), Apinajé (Panhi), Krahô, Krahô-Kanela, Avá-Canoeiro e Pankararu.

Antes mesmo da institucionalização das ações afirmativas em âmbito nacional, a Universidade Federal do Tocantins aprovou, em 2004, um sistema de cotas que reserva 5% das vagas de todos os cursos e campi para estudantes indígenas, com vigência a partir do vestibular de 2005. Estudos indicam que, entre 2005 e 2019, mais de setecentos estudantes indígenas ingressaram na UFT, e levantamentos posteriores ampliam essa série para mais de novecentos ingressos entre 1999 e 2022. Ao reservar vagas específicas para estudantes indígenas, a UFT amplia a pluralidade no ambiente universitário e responde à diversidade étnica do estado, com registros que indicam presença indígena mesmo antes da resolução de 2004. Apesar desse cenário, os estudos que abordam especificamente os Trabalhos de Conclusão de Curso de egressos indígenas da UFT ainda são escassos na área de Ciência da Informação, como revela a ausência de registros na BRAPCI (Base de Dados em Ciência da Informação) sobre essa temática, embora documentos de conclusão de curso, como monografias, dissertações e teses, constituam objeto consolidado de interesse da área.

Nesse contexto, o presente estudo tem por objetivo apresentar o cenário dos Trabalhos de Conclusão de Curso sobre indígenas defendidos na Universidade Federal do Tocantins, analisando temas, autoria e aspectos de representação nos

metadados do repositório institucional. A escolha da UFT justifica-se por seu papel pioneiro na implementação de cotas para estudantes indígenas entre as universidades federais brasileiras e pela significativa presença de povos indígenas em seu entorno.

2 INDÍGENAS E O ENSINO SUPERIOR

As etnias indígenas não se organizam de acordo com a divisão político-administrativa brasileira em estados, o que exige abordagens regionais mais amplas para sua compreensão. Melatti (2017) situa os povos que habitam o atual território tocaninense em uma área etnográfica mais ampla, denominada Xingu-Tocantins, destacando que, em sua maioria, esses grupos são povos de cerrado, vinculados à família linguística Jê. Na educação básica, Bezerra, Costa e Santos (2020) discutem a complexidade da educação escolar indígena no estado, marcada por diversidade sociocultural e problemas curriculares que tensionam uma proposta intercultural. Essas fragilidades repercutem no ensino superior, onde diferentes autores apontam a persistência de um currículo hegemônico e monocultural, pouco sensível às especificidades socioculturais e epistemológicas dos povos originários (SILVA; TEIXEIRA, 2018; DAVID; MELO; MALHEIROS, 2013; MATO, 2018).

3 METODOLOGIA

Trata-se de pesquisa exploratória e descritiva, com abordagem quantitativa, voltada à caracterização dos Trabalhos de Conclusão de Curso sobre povos indígenas na UFT. A natureza exploratória decorre do fato de se tratar de objeto ainda pouco sistematizado, enquanto o caráter descritivo se materializa na construção e análise de indicadores obtidos por meio de coleta estruturada de dados (GIL, 2008).

Os registros analisados foram recuperados no Repositório Institucional da UFT

(<https://repositorio.uft.edu.br>), em fevereiro de 2026, sem restrição temporal, resultando em 172 TCCs encontrados de um total de 4.085 trabalhos disponíveis na base (4,2%). A temporalidade dos trabalhos recuperados abrangeu de 2017 a 2025, mediante buscas nos campos “Autor”, “Título” e “Assunto”. Para a recuperação da informação, utilizaram-se os etnônimos Xerente (Akwẽ), Apinajé (Panhi), Krahô e povo Iny, este último observado por meio dos termos Karajá, Javaé e Xambioá, considerando-se também variações grafemáticas. Este estudo não analisa a obrigatoriedade de TCC em todos os cursos da UFT, tomando como universo empírico os 4.085 trabalhos disponíveis na data da coleta e, como amostra temática, os 172 registros em que constam etnônimos nos campos autor, título ou assunto.

No campo “Autor”, considerou-se a ocorrência do etnônimo como sobrenome ou marcador identitário e, nos campos “Título” e “Assunto”, buscaram-se trabalhos em que o povo figurasse como tema central. A partir dos registros recuperados, elaboraram-se indicadores de produtividade, distribuição temporal, por curso e por etnia, organizados em planilhas para análise descritiva. Como limitação, reconhece-se que a estratégia de busca por etnônimo pode não recuperar trabalhos sem menção explícita à etnia, além de sofrer impacto de variações ortográficas e inconsistências de catalogação no repositório.

4 RESULTADO E DISCUSSÃO

Como primeiro passo para apresentar o cenário dos TCC sobre indígenas defendidos na UFT, foi realizada a seleção das etnias que compõem o recorte empírico do estudo. De acordo com o Censo Demográfico de 2022 do IBGE, as etnias com presença registrada no estado do Tocantins incluem Karajá, Xambioá, Javaé, Xerente, Krahô, Krahô-Kanela, Apinajé, Avá-Canoeiro e Pankararu. Entretanto, Karajá, Xambioá e Javaé podem ser considerados variantes de um mesmo povo (RODRIGUES,

2008), e os Apinajé também se autodenominam Panhi (CÂNCIO, 2025), o que exige atenção às múltiplas designações étnicas no processo de busca.

Os resultados da coleta evidenciaram que a recuperação da informação no repositório é condicionada pelas formas de nomeação presentes nos metadados. No caso do povo Iny, termos como “Karajá”, “Javaé” e “Xambioá” recuperaram registros distribuídos entre título, autor e assunto, incluindo falsos positivos relacionados ao rio Javaé e à cidade de Xambioá-TO. De modo semelhante, o povo Xerente/Akwẽ aparece sob variantes como “Xerente” e “Akwe”, gerando sobreposições entre campos e demandando consolidação cuidadosa das ocorrências.

Em relação ao povo Apinajé, as buscas evidenciaram dispersão entre grafias como “Apinajé”, “Apinagé”, “Apinayé” e “Panhi”, com ocorrências em título, autor e assunto, o que reforça a necessidade de considerar etnônimos alternativos e variações ortográficas. Para o povo Krahô, os resultados indicaram número reduzido de registros e ausência de recuperação para termos como “Mehi”, enquanto, no caso de “Pankararu”, não foram localizados trabalhos nos campos título, autor ou assunto, sugerindo baixa incidência documental ou baixa visibilidade desses povos nos metadados.

As buscas iniciais resultaram em um conjunto de registros com etnônimos, do qual se selecionaram quatro etnias principais para análise detalhada (Xerente/Akwẽ, Apinajé/Panhi, Krahô e Karajá/Iny), totalizando 113 ocorrências nos campos título, sobrenome e assunto (Quadro 1). Após deduplicação de sobreposições entre campos, identificaram-se 60 trabalhos únicos. Em conjunto, os dados mostram que a presença dos povos indígenas nos TCC da UFT não pode ser interpretada apenas em termos quantitativos (Quadro 1): a recuperação depende diretamente da forma como os etnônimos são registrados nos metadados, produzindo falsos

positivos, sobreposição de designações e oscilações grafemáticas, como em “Api-
najé/Apinagé/Apinayé” e “Akwẽ/Akwe/Akwen”.

Quadro 1 - Distribuição dos TCC com os nomes das etnias

ETNIA	TÍTULO	SOBRENOME	ASSUNTO)	TOTAL
Xerente/Akwẽ	16	21	18	55
Apinajé/Panhi	12	5	13	30
Krahô	4	3	2	9
Karajá/Iny	7	7	5	19
TOTAL	39	36	38	113

Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa.

Quadro 2 - Distribuição temporal dos TCC sobre povos indígenas na UFT (2017–2025)

ANO	Nº DE TCC	ETNIAS PRESENTES
2017	1	Apinajé
2018	3	Apinajé
2019	3	Apinajé; Krahô; Xerente/Akwẽ
2020	9	Apinajé; Karajá; Krahô; Xerente/Akwẽ
2021	10	Apinajé; Karajá; Xerente/Akwẽ
2022	7	Apinajé; Karajá; Xerente/Akwẽ
2023	12	Apinajé; Karajá; Krahô; Xerente/Akwẽ
2024	7	Apinajé; Karajá; Xerente/Akwẽ
2025	8	Krahô; Xerente/Akwẽ

Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa.

Observa-se crescimento da produção de TCC sobre povos indígenas a partir de 2020, com destaque para 2021, 2023 e 2025, anos que concentram os maiores números de trabalhos do período analisado. Esse adensamento ocorre após mais de uma década de vigência das cotas indígenas na UFT (implantadas em 2005), quando já há maior presença de estudantes indígenas na instituição, o que pode

contribuir para ampliar a visibilidade dos povos Apinajé, Karajá/Iny, Krahô e Xerente/Akwẽ nos TCC.

Esse adensamento dialoga com os dados de acesso e permanência apresentados por Abreu (2023) e Milhomem (2022), que mostram aumento consistente de ingressos indígenas na UFT no período.

Quadro 3 - Quadro curso-etnia consolidado

ETNIA	Nº DE TCC	CURSOS COM MAIOR CONCENTRAÇÃO
Xerente/Akwẽ	30	Pedagogia; Serviço Social; Enfermagem; Psicologia
Apinajé/Panhi	15	Educação do Campo; Ciências Sociais; Pedagogia
Karajá/Iny	10	Matemática; Ciências Sociais; Agronomia; Letras
Krahô	5	Ciências Biológicas; Engenharia Florestal; Letras; Enfermagem

Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados da pesquisa.

Em termos de cursos, a etnia Xerente/Akwẽ concentra metade dos TCC analisados, sobretudo em Pedagogia, Serviço Social, Enfermagem e Psicologia. Para Apinajé/Panhi, prevalecem trabalhos em Educação do Campo e Ciências Sociais, enquanto Karajá/Iny e Krahô aparecem em áreas como Matemática, Agronomia, Ciências Biológicas e Engenharia Florestal, o que indica que as temáticas indígenas extrapolam as licenciaturas e alcançam diferentes campos de formação profissional.

Também se observa que a presença indígena nos metadados assume duas formas principais: como tematização dos trabalhos, quando o etnônimo aparece no título ou no assunto, e como marca identitária de autoria, quando aparece no campo autor. Assim, o repositório institucional opera não apenas como espaço de armazenamento, mas também como dispositivo de visibilidade e invisibilidade da produção acadêmica indígena.

O estudo encontra alinhamentos com Paladino (2012), sobre a educação superior

de indígenas no Brasil, no qual não basta criar políticas públicas, mas requer amparo aos estudantes para que não tenham apenas facilidade de acesso, mas de acolhimento nas instituições de ensino superior. Souza Filho (2014) já chamava a atenção sobre o ensino superior brasileiro aos indígenas, centrado na cultura hegemônica branca, o que pode resultar em menor interesse.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo permitiu identificar a presença de povos indígenas nos Trabalhos de Conclusão de Curso da Universidade Federal do Tocantins a partir dos campos título, autor e assunto do repositório institucional, mostrando que essa presença se manifesta tanto como tematização dos trabalhos quanto como marca identitária de autoria. Ao mesmo tempo, a visibilidade dessa produção é condicionada pelas formas de representação documental adotadas no repositório: falsos positivos, sobreposição entre designações e dispersão entre variantes gráficas demonstram que a recuperação da informação depende não apenas da existência dos trabalhos, mas também da forma como os etnônimos são registrados nos metadados.

Conclui-se, portanto, que a análise da presença indígena nos TCC da UFT exige atenção não apenas aos quantitativos recuperados, mas também aos processos de nomeação, representação e organização da informação. O estudo reforça a necessidade de aprimorar práticas de indexação em repositórios institucionais, por meio da padronização de etnônimos, do uso de vocabulários controlados que registrem variantes grafemáticas e da qualificação dos campos de assunto, de modo a ampliar a visibilidade acadêmica dos povos indígenas.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Marta Virgínia de Araújo Batista. **A Universidade Federal do Tocantins e as políticas públicas de democratização do acesso e permanência de indígenas no ensino superior**. 2023. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023.
- BEZERRA, Maria do Socorro Felix; COSTA, Vanda Elizete Vieira da; SANTOS, Jocyliéia Santana dos. Educação escolar indígena no Tocantins: apontamentos reflexivos. **Humanidades & Inovação**, Palmas, v. 7, n. 15, p. 538-552, 2020
- CÂNCIO, Raimundo Nonato de Pádua et al. A educação indígena Apinajé para as relações interpessoais e para o cuidado com o ambiente na história de origem Panhã. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, Palmas, v. 10, p. e19415-e19415, 2025.
- DAVID, Moisés; MELO, Maria Lúcia; MALHEIRO, João Manoel da Silva. Desafios do currículo multicultural na educação superior para indígenas. *Educação e pesquisa*, v. 39, p. 111-125, 2013.
- GARCIA, D. C. F.; GATTAZ, C. C.; GATTAZ, N. C. Editorial: A relevância do título, do resumo e de palavras-chave para a escrita de artigos científicos. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 23, n. 3, p. 1-9, maio/jun. 2019.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- MATO, Daniel. Educação Superior e Povos Indígenas: Experiências, Estudos e Debates na América Latina e em outras Regiões do Mundo 1. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, 2018.
- MELATTI, Julio Cezar; DA AMÉRICA INDÍGENA, Áreas Etnográficas. Capítulo C1: Tocantins-Xingu. **Áreas Etnográficas da América Indígena**. Brasília, 2017.
- MILHOMEM, Maria Santana. **Ações afirmativas na UFT**: políticas de ingresso e permanência de indígenas e quilombolas na UFT. Palmas: PROEX/UFT, [2022?]. 1 slides
- PALADINO, Mariana. Algumas notas para a discussão sobre a situação de acesso e permanência dos povos indígenas na educação superior. **Práxis Educativa**, v. 7, n. 03, p. 175-195, 2012.
- REYES, David José Estrada et al. Escrita científica, transparência e integridade na divulgação científica. **Ensino & Pesquisa**, v. 23, n. 1, p. 770-781, 2025.



RODRIGUES, P. M. **A caminhada de Tanỹxiwè: uma teoria javaé da História.** 2008. TESE (Doutorado em Antropologia) - Universidade de Chicago, 2008. Disponível em: <<https://biblioteca.funai.gov.br/media/pdf/TESES/MFN-22930.pdf>>.

SILVA, Messias Furtado; TEIXEIRA, Odete Pacubi Baierl. Educação superior indígena: análise do discurso do indígena sobre o papel do professor não indígena na sua formação acadêmica. **ETD-Educação Temática Digital**, v. 20, n. 4, p. 1036-1058, 2018.

SOUSA FILHO, Sinval MARTINS DE. Educação Akwén-Xerente (jê): seus saberes e práticas frente aos modelos brasileiros de escolarização. **Revista Fórum Identidades**, 2014.

TERENA, Laura Magalhães; BAIRRÃO, José Francisco Miguel Henriques. Etnia e nomeação: ancestralidades em disputa e recomposições. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 34, 2023.